

DOI: 10.46943/XI.CONEDU.2025.GT07.016

SER GAY SOB O OLHAR DA EXTREMA-DIREITA CONSERVADORA: UMA ANÁLISE PSICANALÍTICA A PARTIR DE FREUD

Janailson da Silva Costa¹
Diego de Lima Santos Silva²

RESUMO

A tessitura desse texto teve por intuito de analisar como a construção ideológica do ser gay é interpretada sob a ótica da política de extrema-direita, contrastando tal perspectiva com os princípios psicanalíticos de Freud. Infere-se também, como discursos conservadores tendem a associar a homossexualidade à degenerescência moral e à subversão dos valores tradicionais, desconsiderando a sexualidade humana como uma dimensão multifacetada e natural da existência. Metodologicamente, adotou-se a revisão bibliográfica como abordagem principal. No que tange a metodologia, acornou-se o método de pesquisa bibliográfica, a partir do que propõe Marconi e Lakatos (2017). Entre os principais resultados obtidos a partir das análises feitas constatou-se que: a intolerância pode ser compreendida como expressão do esforço em preservar estruturas tradicionais de poder, historicamente construídas por homens heterossexuais, cristãos e conservadores; o movimento de repressão do desejo contribui para a dificuldade de grande parte da socie-

-
- 1 Metre em Formação de Professores- UEPB/PPGFP pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). E-mail: janailsonth@gmail.com
 - 2 Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Educação Matemática (PPGCEM) da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), diegoli542@gmail.com.

dade em compreender a importância da diversidade sexual, especialmente quando esta se distancia dos padrões heteronormativos.

Palavras-chave: Homossexualidade; Extrema-direita; Psicanálise; Intolerância; Diversidade sexual.

“Quando o olhar decide quem é aceitável, a vida do outro se torna invisível e vulnerável.”
(Inspirado em Foucault (1987) e Butler (2003))

INTRODUÇÃO

Falar sobre o *ser gay* é tocar uma superfície viva, pulsante, onde o desejo, o medo e o poder se entrelaçam em silêncio e grito. É abrir as janelas da subjetividade para deixar entrar o vento incômodo da diferença a aquele que desarruma cortinas e valores herdados. A sexualidade, desde Freud, foi compreendida como dimensão profunda e múltipla do humano: não como desvio, mas como força vital que atravessa o corpo e o inconsciente, que se expressa em mil formas e matizes (FREUD, 1905). Todavia, na tessitura do tempo, esta dimensão foi capturada por discursos políticos e morais que a transformaram em campo de disputa ideológica.

É neste cenário que o olhar da extrema-direita se ergue, armado de tradições e medos. Em sua retórica, a homossexualidade é descrita como rachadura na parede da moralidade, uma ameaça ao templo da família tradicional e à ordem divina do gênero. Tais discursos conservadores, mal fundamentados e revestidos de falsa moral, insistem em associar o amor entre iguais à degenerescência moral, à perda dos “bons costumes”, à subversão dos valores que sustentariam o mundo. A sexualidade, que em si é um vasto território de afetos e pulsões, torna-se caricatura e espantalho. O desejo, aquilo que Freud (1905) nomeou como energia constitutiva do sujeito, é reduzido à anomalia, àquilo que deve ser controlado e punido.

Essas vozes ecoam não apenas nos púlpitos religiosos, mas nas tribunas políticas e nas telas da mídia. Em 2014³, por exemplo, o então candidato Levy Fidelix, em debate televisivo nacional, afirmou que “aparelho excretor não reproduz”, associando a homossexualidade à anormalidade e à ameaça à família, numa das declarações mais abertamente homofóbicas

3 **REDAÇÃO.** Aparelho excretor não reproduz: veja frases da semana. *UOL Notícias*. São Paulo, 3 out. 2014. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/redacao/2014/10/03/aparelho-excretornao-reproduz-veja-frases-da-semana.htm>. Acesso em: 17 out. 2025.

da história recente do país. A repercussão foi imediata, organizações civis, movimentos LGBTQIAPN+ e juristas classificaram suas palavras como discurso de ódio. Tal episódio ilustra como a extrema-direita utiliza o medo e a ignorância como combustível para reafirmar hierarquias e disciplinar corpos dissidentes.

No fundo, o que está em jogo não é apenas o preconceito, mas a preservação simbólica de estruturas tradicionais de poder, erigidas sobre a masculinidade heterossexual, branca e cristã. Como afirma Miskolci (2017), a intolerância emerge do esforço de conservar privilégios e silenciar aquilo que desestabiliza a norma. O corpo gay, lésbico, trans ou bissexual é, então, transformado em metáfora do perigo, numa tentativa de conter a vitalidade da diferença.

A psicanálise freudiana, em contraste, nos convida a enxergar a sexualidade como fluxo – nunca estanque, nunca puro. Em Três ensaios sobre a teoria da sexualidade (1905), Freud revela que a sexualidade não se resume ao ato reprodutivo, mas se manifesta desde a infância, em formas múltiplas e criativas. O desejo, portanto, é parte inseparável da constituição humana, e sua repressão, ao invés de purificar o sujeito, o fragmenta. Guacira Louro (2008) amplia essa reflexão ao lembrar que a sexualidade é também construção social, marcada por normas de gênero, discursos e práticas pedagógicas que legitimam o “normal” e punem o “desviante”.

Dessa forma, compreender o modo como a extrema-direita interpreta o ser gay é compreender a luta por controle sobre os corpos, os desejos e as narrativas. Ao negar a diversidade, tenta-se também sufocar a possibilidade de novos modos de viver, de amar e de educar. A justificativa deste estudo, portanto, repousa na urgência de desvendar os mecanismos simbólicos e ideológicos que sustentam a homofobia contemporânea, desafiando a retórica moralista que transforma a diferença em inimiga.

Diante disto, o problema que orienta este artigo pode ser enunciado como: de que modo a política de extrema-direita constrói e instrumentaliza a imagem do ser gay como ameaça, e como essa construção se

contrapõe à concepção freudiana da sexualidade como potência natural e plural?

Nesse sentido, o objetivo é analisar criticamente essa construção ideológica, contrapondo-a aos fundamentos da psicanálise. Para isso, pretende-se: (1) identificar as estratégias discursivas usadas pela direita para associar homossexualidade e degenerescência moral; (2) discutir como Freud compreende o desejo e a repressão sexual; e (3) refletir sobre como tais discursos reforçam hierarquias de poder e exclusão.

A tese que orienta o texto defende que o moralismo da extrema-direita opera como instrumento de controle social e simbólico, projetando no corpo gay as angústias e repressões de uma sociedade que teme o próprio desejo. Como diz Butler (2019), a norma não é apenas imposição é também mecanismo de vulnerabilidade: ao mesmo tempo em que protege a ordem, denuncia sua fragilidade. Assim, é nesse embate entre norma e desejo, entre repressão e liberdade, que se inscreve o campo de batalha do contemporâneo.

METODOLOGIA

Este artigo foi elaborado a partir de uma abordagem qualitativa, centrada na pesquisa bibliográfica, considerando que a compreensão das construções ideológicas sobre o ser gay e dos discursos da extrema-direita exige um exame aprofundado de textos, teorias e registros midiáticos que problematizam a sexualidade, o poder e a moralidade.

A pesquisa bibliográfica, ou de fontes secundárias, abrange toda a bibliografia já tornada pública em relação ao tema de estudo, desde publicações avulsas, boletins, jornais, revistas, livros, pesquisas, monografias, teses, artigos científicos impressos ou eletrônicos, material cartográfico e até meios de comunicação oral: programas de rádio, gravações, audiovisuais, filmes e programas de televisão. Sua finalidade é colocar o pesquisador em contato direto com tudo o que foi escrito, dito ou filmado sobre determinado assunto, inclusive conferências seguidas de debates

que tenham sido transcritas de alguma forma (Marconi e Lakatos, 2017, p. 126).

Nessa significação, a revisão bibliográfica envolveu a seleção criteriosa de obras clássicas e contemporâneas nas áreas da psicanálise, ciências sociais, estudos de gênero e ciências políticas, permitindo articular perspectivas teóricas diversas. Entre os autores consultados, destacam-se Freud (1905), cuja análise das pulsões e da sexualidade como dimensão natural do sujeito fundamenta o contraponto psicanalítico; Butler (2019) e Louro (2008), que problematizam a heteronormatividade e a regulação social dos corpos; e Miskolci (2017), que discute as estratégias discursivas da política conservadora em relação às identidades LGBTQIAPN+.

Além da literatura científica, incorporou-se a análise documental de fontes jornalísticas, a fim de exemplificar o uso de discursos conservadores na esfera pública e suas repercussões sociais. Evidenciando como discursos conservadores podem fortalecer estigmas e reforçar estruturas de poder tradicionais.

O procedimento de análise consistiu na leitura crítica das obras teóricas selecionadas, identificação dos conceitos-chave relacionados à sexualidade, repressão e construção ideológica, classificação e síntese dos discursos conservadores e, posteriormente, contraponto teórico com os princípios freudianos sobre desejo e pulsão. Em seguida, articulou-se reflexão interpretativa, relacionando teoria e exemplos documentais para compreender as implicações sociais, culturais e políticas da intolerância.

Dessa forma, a metodologia adotada permitiu estabelecer um diálogo entre teoria e prática discursiva, compreendendo não apenas o que se diz sobre a homossexualidade, mas como tais discursos operam para manter normas, hierarquias e estruturas de poder. Ao combinar revisão bibliográfica e análise documental, o estudo se apoia em fontes robustas, reconhecendo simultaneamente a dimensão histórica, cultural e subjetiva do tema, fortalecendo a interpretação crítica do fenômeno estudado.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

CONSTRUÇÃO IDEOLÓGICA DO SER GAY NA EXTREMA-DIREITA

Bobby Griffith é um jovem como tantos outros, sensível, inteligente, afetuoso e em busca de aceitação. Mas, em *Orações para Bobby* (2009), sua existência se torna um espelho doloroso de como o amor pode ser distorcido pela lente da moral conservadora. Bobby vive o conflito entre o desejo de ser ele mesmo e a pressão constante de uma família guiada por valores religiosos inflexíveis. Sua mãe, Mary, crê estar agindo em nome de Deus ao tentar “corrigir” o filho, acreditando que a homossexualidade é um desvio, uma enfermidade espiritual a ser curada pela fé. É nessa tentativa de salvação que o filme revela o abismo entre o amor genuíno e o amor condicionado por dogmas.

A cada cena, acompanhamos a transformação de Bobby em alguém que tenta apagar a própria luz para caber em um molde impossível. Seu sofrimento não é apenas individual ele simboliza o que ocorre com milhares de jovens que crescem ouvindo que amar pessoas do mesmo sexo é pecado, que seus corpos são errados e que seus sentimentos devem ser reprimidos. A narrativa se torna um retrato cru da violência simbólica que o conservadorismo impõe quando define o que é uma vida “digna” de reconhecimento.

À medida que o filme avança, a repressão que parte da mãe e de toda uma estrutura social religiosa vai se tornando insuportável. Bobby busca na fé a redenção que o mundo nega, mas acaba encontrando o desespero. Seu suicídio não é um ato isolado, mas o desfecho trágico de um sistema que transforma a diferença em culpa. Como lembra Michel Foucault (1979), o poder não apenas reprime ele produz verdades, organiza os discursos e determina o que pode ou não ser dito sobre o desejo. Nesse sentido, *Orações para Bobby* não fala apenas de uma mãe e seu filho, mas de um regime de poder que se sustenta ao definir a sexualidade “normal” e punir o que escapa dessa norma.

O despertar de Mary após a morte do filho é o momento mais doloroso e, ao mesmo tempo, mais humano da trama. Quando ela finalmente compreende que Bobby não precisava ser curado, mas acolhido, o filme nos devolve à dimensão ética da empatia. Judith Butler (2003) ajuda a pensar essa transformação quando afirma que as normas de reconhecimento moldam quem é considerado “vivível” – quem tem o direito de existir sem ser punido por isso. A mãe de Bobby, antes presa à moral religiosa, torna-se símbolo da possibilidade de desconstrução, de uma fé reconciliada com o amor.

Ao narrar a história de Bobby, *Orações para Bobby* não apenas emociona ele denúncia. Denuncia o silêncio das igrejas, das escolas, das famílias e das políticas públicas que continuam a ignorar a diversidade humana. O filme se torna, assim, um manifesto visual contra o conservadorismo que insiste em transformar o amor em crime e a diferença em pecado. Sua força reside em nos lembrar que, enquanto a intolerância se disfarça de virtude, novas tragédias continuarão a acontecer. Por isso, assistir a essa história é também um exercício de consciência: um chamado à escuta, à compaixão e à urgente necessidade de repensar os valores que sustentam nossas crenças sobre o ser gay, o amor e a liberdade.

Nesse contexto fílmico, e na realidade contemporânea, a construção ideológica do ser gay pela extrema-direita não se limita à rejeição da diferença, mas se inscreve em um processo histórico de normatização de corpos e desejos. Como destacam Miskolci (2017, 2021), essas narrativas não emergem espontaneamente; elas são resultado de um esforço sistemático para manter a hegemonia heterossexual, masculina, branca e cristã, entendida como padrão universal e imutável. Nesse sentido, a homossexualidade é apresentada como ameaça moral, disruptiva e subversiva, não apenas em termos individuais, mas como desafio às estruturas simbólicas da sociedade.

Bento (2014) enfatiza que tais discursos constroem uma “moral sexual” artificial, na qual o prazer e o desejo que fogem da heteronormatividade são patologizados ou criminalizados. A homossexualidade deixa

de ser compreendida como uma experiência legítima de afeto e prazer, e passa a ser associada à desordem social, degeneração ou ameaça à educação e à família. Essa representação distorcida reforça a marginalização e produz um consenso social em torno da ideia de que certas formas de existir são indesejáveis.

Ao mesmo tempo, Junqueira (2018), demonstra que a imposição de uma norma heteronormativa nas escolas serve como mecanismo de controle social, moldando comportamentos e limitando a visibilidade de estudantes LGBTQIAP+. Isso cria um ambiente de exclusão simbólica, no qual a diversidade é constantemente questionada ou invisibilizada.

Além disso, Louro (2008) argumenta que a sexualidade é também construção social e histórica. As normas e discursos que regem o que é “aceitável” ou “desviante” variam conforme contextos culturais, políticos e econômicos. Assim, a construção ideológica promovida pela extrema-direita não reflete uma realidade natural ou biológica da homossexualidade, mas sim uma tentativa deliberada de controlar e disciplinar corpos e desejos que desafiam a ordem social vigente.

O discurso conservador, portanto, não atua apenas na esfera simbólica. Ele molda práticas sociais, políticas públicas e relações interpessoais, produzindo consequências concretas para indivíduos LGBTQIAPN+. Essa construção ideológica cria estigmas internalizados, perpetua desigualdades e dificulta a construção de ambientes inclusivos. Ao naturalizar a heterossexualidade como padrão e marginalizar todas as outras expressões, a extrema-direita atua sobre a sexualidade como instrumento de manutenção do poder, evidenciando o caráter político e estratégico da sua retórica.

Nesse sentido, a construção ideológica do ser gay na extrema-direita é multifacetada: combina moralismo, medo, política e história, visando não apenas atacar indivíduos, mas preservar uma ordem social hierarquizada. Trata-se de um mecanismo de dominação que reforça normas rígidas de gênero e sexualidade, ao mesmo tempo em que invisibiliza a pluralidade do desejo humano, contrariando tanto evidências científicas

quanto perspectivas psicanalíticas que reconhecem a diversidade sexual como natural e constitutiva da experiência humana (Freud, 1905; Butler, 2019).

Na seção seguinte, destacamos, por meio de evidências jornalísticas e políticas, como a ideia de ser gay é elaborada, difundida e, por vezes, inferiorizada, não sendo efetivamente apresentada como aquilo que é em sua lógica: natural e normal.

EXTRA, EXTRA! OS GAYS EXISTEM!

A análise das evidências políticas e midiáticas demonstra que a construção ideológica do ser gay na extrema-direita não se limita à teoria, mas se materializa em discursos públicos, pronunciamentos e estratégias comunicacionais que reforçam estigmas e consolidam preconceitos. Segundo Miskolci (2017, 2021), políticos e formadores de opinião utilizam a homossexualidade como instrumento retórico para mobilizar sentimentos de medo, proteção moral e preservação da ordem tradicional, transformando a sexualidade em tema central de disputas políticas.

O exemplo que usamos de forma introdutória nesse trabalho é paradigmático. O pronunciamento do político Levy Fidelix durante o debate presidencial de 2014, em que associou a homossexualidade à degenerescência moral e à ameaça à família tradicional. Essa fala, amplamente repercutida na mídia, ilustra como o discurso conservador pode ganhar visibilidade pública e influenciar percepções sociais sobre diversidade sexual (D’Almonte & Silva, 2024).

Além disso, pesquisas sobre o uso de redes sociais por líderes conservadores evidenciam que essas plataformas potencializam o alcance e a repetição de mensagens moralistas e excludentes. D’Almonte e Silva (2024) analisaram postagens de Jair Bolsonaro durante o período eleitoral e seu governo, constatando que a homossexualidade foi repetidamente mencionada em contextos de crítica à educação sexual, à proteção de direitos de minorias e à promoção de valores “tradicionais”. Essas postagens

reforçam narrativas de pânico moral e criam ambientes sociopolíticos nos quais a intolerância é legitimada, reforçando a ideia de que a diversidade sexual representa ameaça social.

Concernente a esse pensamento, Bento (2014) e Louro (2008) destacam que o poder simbólico desses discursos não se limita ao plano político: ele repercute na mídia, no sistema educacional, na legislação e nos comportamentos cotidianos. A exposição constante a falas de políticos e líderes conservadores contribui para internalização de preconceitos, reforçando estereótipos e dificultando a construção de ambientes inclusivos. Teses recentes confirmam que a mídia atua como mediadora desses discursos, amplificando-os e reforçando consensos sociais que marginalizam a diversidade sexual (Miskolci, 2021).

Nessa significação, as evidências jornalísticas e políticas analisadas mostram que a homofobia e o conservadorismo não são apenas ideologias abstratas, mas práticas concretas que moldam a realidade social. A estratégia da extrema-direita é clara: utilizar discursos de moralidade e ameaça para sustentar privilégios históricos e criar consenso em torno da heteronormatividade, fazendo da homossexualidade um elemento simbólico de disputa política. Essa análise reforça a necessidade de compreender os efeitos sociais, psicológicos e culturais desses discursos, que vão além das palavras, atuando diretamente sobre a vida de indivíduos e comunidades LGBTQIAPN+.

CONFRONTO COM A PSICANÁLISE

Entendemos que o confronto entre os discursos conservadores da extrema-direita e os princípios psicanalíticos evidencia uma tensão fundamental entre normatividade social e pluralidade do desejo humano. Para Freud (1905), a sexualidade é pulsão vital, inerente ao sujeito, multifacetada e constitutiva da experiência humana. Não se trata apenas de reprodução ou conformidade social, mas de dimensão essencial à formação da subjetividade. Dessa perspectiva, a tentativa de patologizar ou

moralizar a homossexualidade representa uma forma de repressão que ignora a complexidade do desejo e impede o pleno desenvolvimento do indivíduo.

Butler (2019) complementa essa análise ao afirmar que normas sociais sobre gênero e sexualidade funcionam como instrumentos de poder, capazes de moldar comportamentos, reforçar hierarquias e definir o que é considerado aceitável ou desviante. Nesse contexto, a homossexualidade, ao se afastar da norma heteronormativa, é alvo de estigmatização, marginalização e violência simbólica. Estudos acadêmicos, como os de Miskolci (2017, 2021), mostram que a intolerância política e moralizada não é natural, mas socialmente construída e historicamente mobilizada para manutenção de privilégios e preservação de estruturas de poder.

A repressão do desejo sexual não apenas cria sofrimento individual, mas também mantém estruturas institucionais e simbólicas que limitam a diversidade (Junqueira, 2018; Bento, 2014). A escola, o sistema jurídico e a mídia são exemplos de arenas em que a homossexualidade é regulada e normatizada, refletindo uma tentativa coletiva de disciplinar corpos e afetos. Ao contrário da visão conservadora, a psicanálise entende que a repressão do desejo não corrige desvios; ela produz angústia, culpa e sofrimento, reforçando padrões de opressão e exclusão.

Além disso, Louro (2008) destaca que a sexualidade é também uma construção histórica e cultural, sujeita a variações de acordo com contextos sociopolíticos. Assim, o discurso da extrema-direita, ao tratar a homossexualidade como ameaça ou desvio, ignora a historicidade da sexualidade e pretende naturalizar normas que são, de fato, contingentes e culturais. A psicanálise oferece, portanto, um instrumento crítico para compreender a diversidade sexual como parte constitutiva do sujeito, oferecendo suporte teórico para resistir às imposições normativas.

Em síntese, o confronto entre discurso conservador e leitura psicanalítica revela que a homofobia não surge do “erro” ou da imoralidade individual, mas de um esforço sistemático de manutenção do poder. A psicanálise demonstra que a diversidade do desejo é natural e saudável,

enquanto o moralismo da extrema-direita funciona como instrumento de controle social e disciplinamento, interferindo na subjetividade e na liberdade de existir e se expressar.

IMPACTOS SOCIAIS E CULTURAIS

A análise das implicações sociais e culturais da construção ideológica do ser gay pela extrema-direita evidencia efeitos amplos e complexos, que vão além da esfera individual e repercutem nas estruturas institucionais e culturais da sociedade. Estudos acadêmicos mostram que a marginalização da diversidade sexual gera exclusão social, reforça hierarquias e mantém mecanismos de dominação (Miskolci, 2017; Junqueira, 2018).

Em termos sociais, a rejeição e hostilidade em relação às pessoas LGBTQIAPN+ impactam diretamente a saúde mental e o desenvolvimento psicológico, especialmente de jovens. Bento (2014) aponta que ambientes hostis aumentam a incidência de depressão, ansiedade, isolamento social e até comportamentos autolesivos. Teses recentes também indicam que a exposição contínua a discursos homofóbicos internaliza estigmas e prejudica a construção da identidade, criando barreiras para a aceitação e expressão de afetos e desejos (Junqueira, 2018; Miskolci, 2021).

No plano institucional, escolas, universidades, órgãos de saúde e sistemas jurídicos podem reproduzir normas heteronormativas, reforçando a marginalização das pessoas LGBTQIAP+. Louro (2008) e Bento (2014) destacam que políticas públicas, currículos escolares e programas educacionais muitas vezes ignoram a diversidade sexual, naturalizando a heterossexualidade como padrão e invisibilizando outras identidades. Essa invisibilidade reforça preconceitos e dificulta o desenvolvimento de práticas inclusivas, criando um ciclo de exclusão que se perpetua socialmente.

Culturalmente, a marginalização da diversidade sexual também se reflete na produção artística e midiática. Narrativas LGBTQIAPN+ frequentemente enfrentam resistência, censura ou interpretação distorcida, como

apontam Miskolci (2021) e Junqueira (2018), que analisam a representação das identidades de gênero e orientação sexual na mídia brasileira. Essa limitação simbólica impede o reconhecimento social da diversidade como algo natural e positivo, reforçando estereótipos e a percepção de que a diferença é ameaça à ordem social.

Além disso, o impacto social da marginalização sexual não é homogêneo: afeta especialmente grupos que se encontram na interseção de múltiplas opressões, como pessoas negras, pobres ou trans. Estudos de Miskolci (2017) mostram que o preconceito é amplificado quando se combina discriminação sexual com racismo, classismo ou transfobia, evidenciando a complexidade e a multiplicidade das formas de exclusão social.

Os impactos sociais e culturais da construção ideológica da homossexualidade pela extrema-direita são profundos e estruturais. A marginalização afeta a saúde mental, a visibilidade social, a representatividade e a inclusão institucional das pessoas LGBTQIAP+. Compreender esses impactos é fundamental para desenvolver estratégias educativas, políticas e culturais que promovam a diversidade, desconstruam estereótipos e incentivem a aceitação social da pluralidade sexual e de gênero.

A PLURALIDADE DO DESEJO

Falar sobre o desejo é adentrar um território movediço, um espaço onde o humano se revela em sua potência de sentir e em sua incapacidade de ser plenamente contido. Sigmund Freud (1905), ao abrir as portas da psicanálise para o estudo da sexualidade, revelou que o desejo não conhece fronteiras morais, religiosas ou biológicas: ele é, por natureza, plural, contraditório e criativo. O desejo não segue uma linha reta, ele se curva, se desvia, retorna, transforma-se.

É por isso que a tentativa de o classificar, de enquadrá-lo dentro de uma moral heteronormativa, é sempre um fracasso. A norma tenta desenharr limites onde o inconsciente só conhece vertigens. Como afirma Gilles

Deleuze e Félix Guattari (1980), o desejo não é falta, mas produção, uma força vital que inventa o real, que cria mundos, corpos e afetos. É um campo de fluxos e intensidades que resiste à captura pelas formas rígidas da moral.

Essa dimensão plural e criadora do desejo é precisamente o que os discursos conservadores tentam silenciar. Ao associar a homossexualidade à degenerescência ou à ameaça dos valores tradicionais, a extrema-direita procura restabelecer uma ordem simbólica em crise. Como lembra Dagmar Meyer (2014), esses discursos não apenas normatizam, mas produzem subjetividades fabricam modos de ser e de sentir que excluem tudo o que foge ao padrão do “normal”. Assim, o controle do desejo se torna uma estratégia política de manutenção do poder: quem controla o corpo, controla também o imaginário.

Entretanto, a psicanálise nos ensina que aquilo que é reprimido nunca desaparece apenas retorna sob outras formas. O desejo, quando interdito, encontra brechas para se expressar: nos sonhos, nas artes, nas relações e nas resistências cotidianas. O cinema, a literatura e as narrativas audiovisuais, ao darem corpo e imagem a esse retorno, tornam-se territórios de reexistência.

A pluralidade do desejo também convoca o pensamento de Judith Butler (1990), que problematiza a naturalização das identidades sexuais. Para a autora, o gênero é uma performance repetida sob coerção social, mas capaz de ser reinventada a cada gesto. Assim, o desejo não é uma linha que une dois polos fixos (homem e mulher), mas uma constelação de possibilidades, um espaço onde os corpos se encontram, se tocam e se transformam mutuamente.

Na vida real, essa multiplicidade se manifesta nas trajetórias de sujeitos que desafiam as normativas, nas famílias que se reinventam, nas escolas que acolhem a diferença e nas artes que traduzem o indizível. O desejo é, portanto, uma forma de política, não porque seja militante por essência, mas porque afirma a liberdade de existir fora do medo.

Nas palavras de Guacira Lopes Louro (2008), “a sexualidade é uma invenção social que se move, se expande e se reinventa”. É nesse movimento inquieto, plural e insurgente, que reside o poder transformador do desejo. Ao contrário do que pregam os discursos da ordem, o desejo não corrompe: ele cria. Ele é o sopro vital que nos torna humanos, vulneráveis e abertos ao outro.

Portanto, pensar a pluralidade do desejo é também repensar o próprio conceito de humanidade. É admitir que o amor não cabe em fórmulas, que o corpo não é um campo de guerra moral, e que a sexualidade é uma linguagem que fala através de mil vozes. No fundo, talvez seja esse o segredo que tanto assusta os conservadores: o fato de que o desejo, uma vez libertado, não obedece a ninguém – apenas à sua própria pulsação de vida.

A análise das construções ideológicas da extrema-direita e de seus impactos sociais e culturais evidencia a centralidade da diversidade sexual como dimensão fundamental da experiência humana. Diferentemente do que defendem discursos conservadores, a homossexualidade não é ameaça à ordem social, mas expressão legítima da pluralidade do desejo e da subjetividade (Freud, 1905; Butler, 2019). A psicanálise revela que a repressão do desejo e a imposição de normas rígidas não corrigem supostas “anomalias”, mas produzem sofrimento, angústia e exclusão social, demonstrando o caráter opressivo das políticas morais conservadoras.

Miskolci (2017, 2021) e Junqueira (2018), reforçam que a construção da homossexualidade como ameaça ou desvio não é natural, mas historicamente construída. Essa construção é mobilizada para manter hierarquias de gênero, poder e sexualidade, influenciando discursos políticos, decisões institucionais, práticas educacionais e representações culturais. Portanto, compreender a sexualidade como fenômeno plural, natural e constitutivo do sujeito torna-se ferramenta de resistência às práticas normativas excludentes.

Os impactos dessas construções ideológicas, conforme apontam Bento (2014) e Louro (2008), não se limitam ao plano simbólico: afetam

diretamente a saúde mental, a socialização e a representação cultural das pessoas LGBTQIAPN+. Por isso, a promoção de ambientes inclusivos, políticas públicas igualitárias e educação para a diversidade emerge como estratégia essencial para contrapor os efeitos da homofobia e dos discursos conservadores.

Em termos pedagógicos e sociais, reconhecer a pluralidade do desejo significa desconstruir estereótipos, legitimar diferentes formas de afetividade e criar espaços de convivência seguros e acolhedores. Pesquisas indicam que práticas educativas que valorizam a diversidade sexual e de gênero contribuem significativamente para reduzir preconceitos, aumentar a autoestima e promover inclusão (Junqueira, 2018; Miskolci, 2021).

Por fim, a pluralidade do desejo deve ser compreendida não apenas como questão individual, mas como elemento político e cultural. Resistir à normatização da sexualidade é resistir a estruturas de poder que buscam controlar corpos e afetos, sendo a valorização da diversidade um passo fundamental para a construção de uma sociedade mais justa, equitativa e inclusiva. Assim, a luta pelo reconhecimento da diversidade sexual e de gênero torna-se também luta pela liberdade, pela dignidade e pelo direito de existir e amar em toda a sua complexidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluir este capítulo é, de certo modo, como fechar um espelho, aquele mesmo espelho diante do qual Bobby, em *Orações para Bobby*, se refaz e se reconhece. Ao longo destas páginas, percorremos o terreno instável onde a sexualidade, a ideologia e o poder se entrelaçam, revelando que o ser gay não nasce apenas de um impulso íntimo, mas é moldado, julgado e frequentemente silenciado por discursos que pretendem normatizar o desejo. A análise demonstrou que a extrema-direita contemporânea, ao mobilizar narrativas morais e religiosas, procura reatualizar velhos fantasmas: o da degenerescência, da ameaça à família e da desordem social.

Contudo, como nos lembra Michel Foucault (1976), “onde há poder, há resistência” (FOUCAULT, 1976, p. 96). É nessa fissura que emergem corpos dissidentes, vozes que recusam o apagamento e sujeitos que fazem do desejo um ato político. O filme *Orações para Bobby*, nos mostra que essas resistências não se manifestam apenas em grandes gestos, mas também nas pequenas cenas cotidianas, o olhar de Bobby no espelho, o toque contido entre duas mãos que se procuram, o silêncio que antecede a coragem de ser. Cada uma dessas imagens é uma contra-narrativa às tentativas de normalização impostas por uma sociedade que ainda teme o diferente.

Do ponto de vista psicanalítico, o desejo reprimido, que Freud (1905) tão bem explorou, retorna sempre como sintoma, como aquilo que insiste em existir mesmo quando proibido. O esforço conservador para controlar corpos e sexualidades revela, portanto, mais sobre o medo que sustenta a moral do que sobre a natureza humana. Como aponta o próprio autor, “as pulsões sexuais não estão a serviço exclusivo da reprodução; elas se manifestam de múltiplas formas e através de objetos variados” (FREUD, 1905, p. 78). Negar essa multiplicidade é negar a própria condição humana.

A literatura e o cinema ao darem corpo e voz a personagens como Bobby, cumprem uma função simbólica e política essencial: fazem ver o que foi ocultado, e ouvir o que foi silenciado. Cada narrativa que apresenta um corpo dissidente ou um amor fora da norma desafia os alicerces de uma cultura que insiste em definir o que é “natural” e “aceitável”. Como afirma Richard Miskolci (2017), “a heteronormatividade é uma tecnologia de poder que fabrica sujeitos e regula condutas” (MISKOLCI, 2017, p. 44). Desconstruí-la, portanto, é libertar o humano de suas grades simbólicas e abrir espaço para a diversidade do ser.

A discussão aqui desenvolvida permite compreender que o combate à homofobia e à intolerância não se faz apenas com leis ou políticas públicas, mas, sobretudo, com mudanças no imaginário social, mudanças que se constroem pela educação, pela arte, pela escuta e pelo reconhecimento da pluralidade dos modos de existir. É nas escolas, nas telas, nas conversas

cotidianas que se reconfigura o significado do amor, do corpo e da liberdade. Como ressalta Guacira Lopes Louro (2000), “a escola é um espaço privilegiado de construção e disputa de identidades” (LOURO, 2000, p. 19); logo, é também um território fértil para o exercício da alteridade e do respeito à diferença.

O percurso trilhado revelou, portanto, que a construção ideológica do ser gay é, acima de tudo, uma disputa de narrativas: entre o medo e o desejo, entre a norma e a liberdade, entre o discurso que oprime e a palavra que liberta. Nesse embate, personagens como Bobby não são apenas ficções, são metáforas da própria condição humana: frágil, contraditória e, ainda assim, profundamente bela em sua insistência em existir.

Concluir é, então, retornar ao espelho e perceber que o reflexo que nele se forma é o de todos nós. Pois reconhecer a diversidade do outro é, no fundo, reconhecer a nossa própria incompletude. E talvez seja justamente aí, nesse reconhecimento da diferença como parte constitutiva da vida, que resida a possibilidade de uma sociedade verdadeiramente humana.

REFERÊNCIAS

BENTO, Berenice. *A (re)invenção do corpo: sexualidade e gênero na experiência transexual*. Rio de Janeiro: Garamond, 2014.

BENTO, Berenice. *As tecnologias que fazem o gênero*. In: LIMA, Vera Regina de Oliveira; PEREIRA, Maria da Glória Gohn (orgs.). *Gênero, sexualidade e educação: pedagogias contemporâneas*. Campinas: Papirus, 2008. p. 23-38.

BENTO, Berenice. *O que é transexualidade*. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 2017.

BORRILLO, Daniel. *Homofobia: história e crítica de um preconceito*. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

BUTLER, Judith. *Corpos em aliança e a política das ruas: notas para uma teoria performativa da assembleia*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

BUTLER, Judith. *Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mille plateaux*. Paris: Éditions de Minuit, 1980.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. v. 1. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.

FOUCAULT, Michel. ***Vigiar e Punir: nascimento da prisão***. Petrópolis: Vozes, 1987.

FREUD, Sigmund. *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade (1905)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

FREUD, Sigmund. *Obras completas: volume 6 – Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

JUNQUEIRA, Rogério Diniz. *Políticas de educação, gênero e diversidade sexual: resistências e desafios*. Brasília: MEC/SECADI, 2018.

JUNQUEIRA, Rogério Diniz. *A invenção da “ideologia de gênero”*. 2018. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1519-549X2018000300004&script=sci_arttext. Acesso em: 15 out. 2025.

LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. Petrópolis: Vozes, 1997.

LOURO, Guacira Lopes. *Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

MEYER, Dagmar Estermann. *Gênero e educação: teoria e prática*. 3. ed. Porto Alegre: Mediação, 2014.

MISKOLCI, Richard. *A invenção da “ideologia de gênero”*. 2018. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1519-549-2018000300004X&script=sci_arttext. Acesso em: 15 out. 2025.

MISKOLCI, Richard. *Homofobia: limites e possibilidades de um conceito em meio a disputas*. 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/bagoas/article/download/2256/1689/0>. Acesso em: 15 out. 2025.

MISKOLCI, Richard. *Teoria queer: um aprendizado pelas diferenças*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. *Fundamentos de metodologia científica*. 8. ed. São Paulo: Atlas, 2017.